

# Arqueologia Pré-Histórica da região de Diamantina (Minas Gerais): perspectivas e síntese das pesquisas

Pre-Historical Archaeology of Diamantina region (Minas Gerais): perspectives and research synthesis.

<sup>1</sup>Vanessa Linke

<sup>2</sup>Andrei Isnardis

## RESUMO

A região de Diamantina, Minas Gerais, tem sido objeto de pesquisas arqueológicas em oito anos, nos quais teve sítios escavados e grafismos rupestres analisados juntamente com suas paisagens. Este artigo tem por objetivo apresentar a maneira como as pesquisas arqueológicas têm sido conduzidas, expondo as escolhas, reflexões e abordagens que as tem norteadas, bem como alguns dos seus conjuntos de vestígios e seus contextos de produção. Mais do que apresentar resultados fechados, este artigo propõe dividir perguntas e reflexões.

Palavras-chave: Serra do Espinhaço; Arqueologia Pré-Histórica; Arte rupestre; indústria lítica; paisagem.

## ABSTRACT

Archaeological researches have been made in the Diamantina region, Minas Gerais (Central Brazil), have been made since 2003. In these seven years, it saw excavations and rock art analysis, connected with a landscape understanding. This paper presents the way how the researches are being conducted, by showing the choices, questions and approaches that guide them, as well as presenting some of the regional archaeological remains and their production context. More than presenting results, this paper proposes to share questions and thoughts.

Keywords: Serra do Espinhaço; Archaeology; Rockart; lithic technology; landscape

<sup>1</sup> Doutoranda em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP; pesquisadora do Centro Especializado em Arqueologia do MHNJB-UFGM; bolsista CAPES

<sup>2</sup> Professor adjunto do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFGM; Centro Especializado em Arqueologia Pré-Histórica do MHNJB-UFGM

## OS PRIMEIROS PASSOS: A DESCOBERTA DE UMA REGIÃO

A região de Diamantina, localizada no limite entre o centro e norte mineiros, em uma grande cordilheira nomeada de Serra do Espinhaço, não havia sido, até 2003, alvo de pesquisas arqueológicas sistemáticas (vide Figura 1). Nos idos dos anos 70 e 80 do século passado o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) e o Setor de Arqueologia da UFMG realizaram incursões à região registrando alguns sítios de pintura rupestre, entre outros, nos âmbitos de suas pesquisas e projetos da época. Mas foi somente em 2003, com um modesto projeto de Iniciação Científica do Centro Universitário Newton Paiva<sup>1</sup> que a região ganhou as primeiras prospecções sistemáticas de sítios em abrigo e também os primeiros levantamentos e análises dos seus registros rupestres. Após o ano de realização do pequeno projeto, em função do grande potencial arqueológico que o município de Diamantina e seus arredores demonstraram ter, o Setor de Arqueologia da UFMG decidira tomar a região como uma das áreas de seus trabalhos, desenvolvendo projetos financiados pela Missão Arqueológica Franco-Brasileira e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais – FAPEMIG. Deste modo, a pesquisa arqueológica na região vive ainda sua infância, descobrindo, ainda, como trilhar o seu caminho.

Não tendo completado oito anos, as pesquisas na região têm ainda cheiro e sabor de coisa nova e não experimentada. Mas, no seu surgir, uma pergunta acompanhava sempre as primeiras idéias e intervenções: como inaugurar uma nova região? Por onde começar? Como escolher entre milhares de serras, vales, terraços, uma área por onde dar os primeiros passos?

Partimos do seguro. Sítios já conhecidos. Alguns sítios de pintura rupestre haviam sido registrados por pesquisadores do IAB e do Setor de Arqueologia da UFMG, e foram alguns deles nosso ponto de partida na seleção de áreas amostrais a serem prospectadas<sup>2</sup>. Até o momento, o nosso olhar para esta nova região, cujos vestígios se descortinavam, estava voltado para os abrigos que exibiam as cores de seus grafismos pré-históricos. A partir então de sítios conhecidos, selecionamos três pequenas áreas, que juntas somam cerca de 10 km<sup>2</sup>, a serem sistematicamente prospectadas. No ano de 2004, então, quando terminava o pequeno projeto de iniciação científica, o número de sítios em abrigo nas áreas selecionadas passava de quatro para treze.

A partir de 2004, quando o Setor de Arqueologia da UFMG passa a coordenar os trabalhos na região, a abordagem foi a de ampliar uma das áreas anteriormente prospectadas e realizar levantamentos oportunisticos, com a preciosa colaboração

Nota: as datações nesse artigo não são calibradas

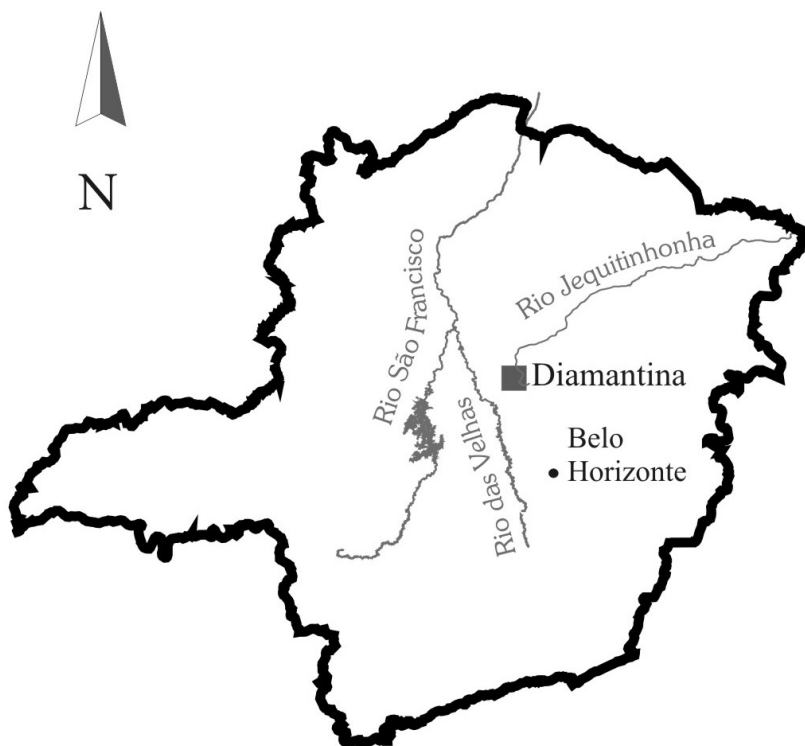


Figura 1: Mapa de Minas Gerais com indicação da área de pesquisa

das gentes da Serra, em áreas distintas daquelas já caminhadas. Ao mesmo tempo em que novos sítios iam sendo buscados, daqueles já conhecidos provinham outras investidas: sondagens e levantamentos dos grafismos rupestres.

Essas escolhas se justificavam, e justificam, por várias razões. A região de Diamantina está localizada na Serra do Espinhaço, orógeno que abriga áreas outras já arqueologicamente conhecidas, como a Serra do Cipó, onde se tem o Grande Abrigo de Santana do Riacho, e Grão-Mogol. Ao mesmo tempo, a Serra do Espinhaço tem como circunvizinhança outras ricas áreas arqueologicamente conhecidas, como o Planalto Cárstico de Lagoa Santa, a Serra do Cabral e outras áreas da Bacia do Rio São Francisco, e também das bacias dos rios Jequitinhonha e Doce. Estar situada em uma posição em que se tem a possibilidade de aproximar, de algum modo, regiões arqueologicamente conhecidas é ao mesmo tempo oportunidade única e também grande desafio. Por isso tentar conhecer novos sítios e ampliar a amostra se justifica, ao mesmo tempo em que se faz necessário

investir no encontro e análise de categorias outras de vestígio que tem por sítio locais outros que não as paredes rochosas dos monumentais afloramentos, que possibilitem comparar e correlacionar os vestígios da região com as demais.

Nestesentido, nove sítios de pintura rupestre tiveram seus grafismos registrados sistematicamente através do “calque”, por vezes integral, por vezes amostral, de seus painéis; dez tiveram suas superfícies sedimentares escavadas (sondadas); nove abrigos foram objeto de coletas sistemáticas de superfície<sup>3</sup>; enquanto novas áreas foram caminhadas em busca de novos sítios em abrigo e a céu aberto.

Os sítios calcados foram escolhidos em função do maior número de informação que estes pareciam congregar, como número de figuras, sobreposições, variedade temática e estilística. A valorização destas informações para se decidir quais sítios seriam ou não calcados se deu em função do objetivo primeiro de se construir uma cronoestilística de alcance regional. Os sítios com menos informações foram alvo de registros outros, como fotografia e croquis tanto de figuras como de painéis para complementar os levantamentos mais intensivos.

A escolha dos sítios a serem sondados foi feita em função da presença de pinturas, do tamanho de suas áreas sedimentares e em função da presença de materiais de superfície. A presença de pinturas foi importante no momento da escolha não por se acreditar que sítios de pintura necessariamente guardam informações e registros em sub-superfície, mas sim porque isso é uma possibilidade, assim como é uma sonhada possibilidade conseguir relacionar os materiais de sub-superfície aos registros rupestres.

Tais intervenções são bem modestas, tanto para o número de sítios disponíveis (são 101 sítios em abrigo conhecidos ao todo), quanto para o potencial da região, mas têm produzido resultados profícuos para o entendimento da ocupação regional, ao mesmo tempo em que têm colaborado para estender as reflexões sobre a ocupação do Brasil Central.

Embora dar início às pesquisas arqueológicas em uma região tenha um caráter um tanto quanto exploratório, a maneira como estamos buscando entender a ocupação da região, relacionando-a e comparando-a aos conjuntos dos vestígios materiais de outra áreas já conhecidas, faz com que não estejamos apenas a ‘conhecer’, classificar e quantificar o que aparece nos sítios arqueológicos. Embora uma fase de apenas re-conhecimento de sítios seja importante, o trabalho, mesmo com todas as incertezas, foi iniciado com o intuito de entender a ocupação regional e relacioná-la com a ocupação do Brasil Central, preocupando-se em abordar os sítios e seus vestígios em análises que levem em conta a percepção

e o uso da paisagem, os possíveis sistemas de sítios e as categorias de vestígios, sobretudo a indústria lítica, relacionadas<sup>4</sup>.

Estas abordagens incorporam as proposições teóricas da chamada Arqueologia da Paisagem, uma vez que nos preocupa entender os sítios e seus conjuntos artefatuais articulados a formas culturalmente estruturadas de percepções da paisagem, que envolvem tanto questões mais estritamente econômicas quanto simbólicas. Nestas discussões nos apropriamos e nos aproximamos de concepções teóricas um pouco distintas, mas que combinadas permitem um leque mais amplo, mais consistente e bem menos engessado, de recursos metodológicos. Logo, partimos de uma abordagem estruturalista, em acordo com Criado (1999), Santos (1999), Troncoso (2001), na qual se pressupõe que haja uma lógica organizativa da percepção da paisagem e portanto das intervenções que nela são feitas. Lógica essa que seria reconhecível arqueologicamente através de regularidades e recorrências. Mas, se por um lado cremos em uma lógica organizativa, por outro, acreditamos que o exercício da percepção e do agir diante dela seja menos normativo do que nas concepções estruturalistas mais clássicas. Deste modo, nos aproximamos de um entendimento mais hermenêutico, à maneira de Clifford Geertz (1998) da cultura e das práticas culturais, buscando entender os diversos elementos da paisagem – os sítios, seus artefatos, seus grafismos, os locais em que estes, esses e aqueles se inserem - como signos que juntos compõem textos específicos, em contextos específicos, passíveis de serem lidos. No que tange aos conjuntos artefatuais líticos, as análises buscam conjugar as noções de cadeia operatória e organização tecnológica, na maneira em que estes conceitos foram propostos por Leroi-Gourhan (1984)<sup>5</sup>, em consonância com as abordagens que tradicionalmente são realizadas no Setor de Arqueologia do MHNJB - UFMG, e por Lewis Binford. Assim, combinamos uma análise tecnológica detalhada, utilizando como referência Brézillon (1983), Tixier *et al.*, (1989) e Prous (2004), com abordagens que consideram os conjuntos artefatuais e os processos envolvidos na formação destes<sup>6</sup>. Os sítios e seus registros arqueológicos são então entendidos como compondo um sistema, no qual sítios com diferentes funções se articulam (Binford, 1983).

Os grafismos rupestres estão sendo analisados permeados por diferentes concepções teóricas. Ao mesmo tempo em que nos preocupa construir um quadro cronoestilístico regional, sem, contudo, o fazer pensando em sucessões culturais, é nosso objetivo tentar entender os grafismos como significantes organizados segundo uma lógica que pode ser ‘lida’ nos suportes dos abrigos rochosos, em acordo com a tradição estruturalista/semiológica nas abordagens dos grafismos rupestres. Nesse sentido, nossos olhares se voltam para os grafismos observando

e analisando as técnicas empregadas, a maneira como as figuras e os painéis são compostos, sincrônica e diacronicamente, os temas e suas associações, os comportamentos que cada unidade estilística manifesta nos sítios e nos painéis, e as possíveis correlações existentes entre os sítios, os locais em que estes se inserem e as unidades estilísticas e suas temáticas.

## **NO MEIO DO CAMINHO HAVIA UM ARTEFATO... OS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DA REGIÃO DE DIAMANTINA**

Os passos arriscados em direção ao desconhecido mundo das sub-superfícies dos abrigos nos permitiram evidenciar ricos depósitos sedimentares, mas um tanto quanto modestos em termos de espessura. Os nove sítios escavados se tiverem as suas profundidades sedimentares somadas não nos dão mais do que três metros. Na prática isso quer dizer que em média os abrigos possuem em torno de trinta centímetros de profundidade, o que comparado com outras regiões são pacotes sedimentares bastante restritos. Se por um lado temos uma restrição na profundidade do pacote sedimentar, por outro temos uma grande profundidade cronológica verificada em ao menos três dos abrigos em que realizamos escavações.

Os trabalhos de escavação realizados nos permitiram definir até agora dois horizontes de ocupação seguramente datados: um bastante antigo datado de aproximadamente 10.000 BP\* e um outro cujas datações remontam ao período entre os séculos VII e XIV<sup>7</sup>. Nos sítios em que há datas antigas e datas recentes não há camadas sedimentares claramente definidas que nos permitam distinguir ocupações que, mesmo sem datas absolutas, sejam evidentemente posteriores aos 8500 BP\* e anteriores à era cristã. Tem-se assim um lapso de tempo considerável entre os períodos datados, e não temos nenhum conjunto de artefatos que possa ser seguramente atribuído a este hiato de datações. Lidamos, ao menos por enquanto, apenas com estes dois horizontes de ocupação no que diz respeito a vestígios de sub-superfície.

## **AS OCUPAÇÕES DO HORIZONTE ANTIGO**

Em três dos sítios até aqui escavados, foram obtidas datas anteriores a 8.500 anos antes do presente. Na Lapa do Caboclo o nível arqueológico inferior apresentou datas de 10.560 ± 40 BP e 10.380 ± 60 BP\* (Beta 199502 e Beta 233764, respectivamente), enquanto na Lapa do Peixe Gordo uma estrutura de

\* As datações apresentadas nesse artigo não são calibradas

combustão do nível inferior forneceu a datação de  $10.210 \pm 60$  BP (Beta 233762) e, na Lapa da Chica, carvões foram datados de  $8.760 \pm 50$  BP (BETA 254271).

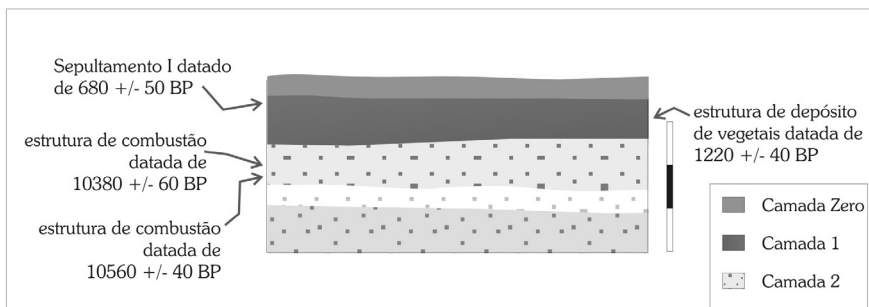
No nível antigo da Lapa do Caboclo, puderam ser nitidamente observadas estruturas de combustão em torno das quais se concentrava, de modo expressivo, material lítico. Tal material, assim como aquele disperso pela camada, se caracteriza por uma ocorrência dominante de lascas de diversas variedades de quartzito, com uma presença secundária de lascas de quartzo.

O número de artefatos é muito reduzido, mas uma parte muito expressiva das lascas de quartzito parece corresponder a lascas de façongem e retoque de artefatos plano-convexos. A maioria das lascas de quartzo também apresenta características de lascas de retoque, havendo também lascas de façongem, em número reduzido, e alguns exemplares de lascas de adelgaçamento. Destaca-se, entre o material em quartzo, uma ponta de projétil, que parece ter sido quebrada na fase final de sua confecção. Em meio às lascas de quartzo, há algumas compatíveis com o refugio de produção de tal peça e/ou de peças semelhantes.

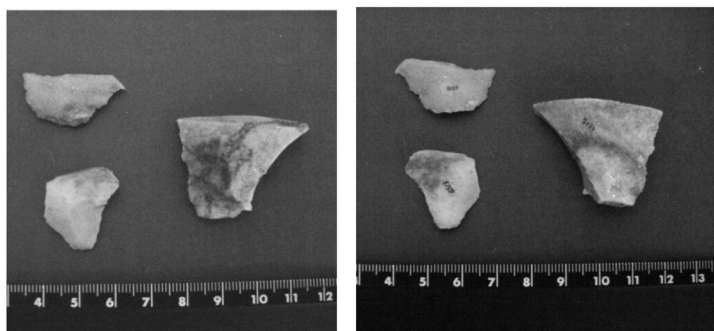
No presente estado das análises, o exame da indústria lítica do Holoceno Inicial da Lapa do Caboclo aponta para o uso dos treze metros quadrados escavados como uma área de realização das etapas finais das cadeias operatórias de artefatos retocados em quartzito – majoritariamente -, entre esses provavelmente plano-convexos, e de artefatos de quartzo, entre estes seguramente pontas de projétil (vide Figura 2).

O material da Lapa do Peixe Gordo, em cujo nível antigo se obteve data muito próxima àquelas da Lapa do Caboclo, em um único metro quadrado escavado, o exame dos materiais se fez apenas de forma preliminar. Desde já, contudo, é possível afirmar a presença de etapas finais de cadeias operatórias (lascas de retoque), embora não se saiba ainda quais são essas cadeias e quais outras etapas ali tiveram lugar. Estruturas de combustão de pequenas dimensões foram evidenciadas, sem que se tenham recuperado outras categorias de vestígios.

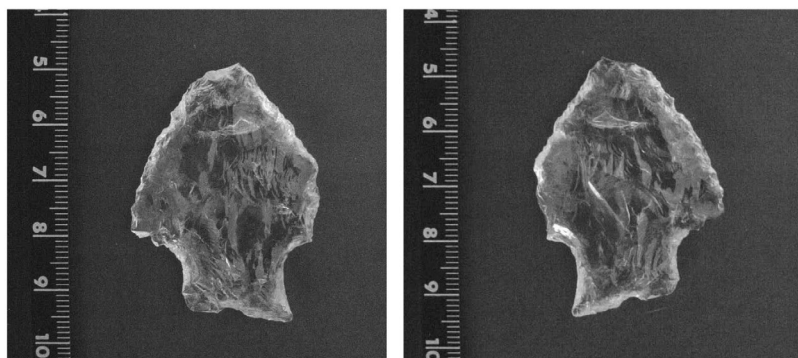
A Lapa da Chica apresenta, por sua vez, um quadro muito peculiar. Optamos por conduzir ali apenas uma pequena sondagem de  $0,5 \text{ m}^2$ , realizada simultaneamente com a coleta de material lítico de superfície. Optamos por área tão reduzida pois pretendíamos, sobretudo, verificar a profundidade do pacote para futuras intervenções e dispúnhamos de recursos bastante limitados naquele momento. Apesar da pequenez da superfície, evidenciamos um número muito elevado de lascas, a imensa maioria de pequenas dimensões (menos de 2 cm), majoritariamente em variedades de quartzito, mas também em quartzo. Também preliminarmente analisado, o material é dominado



Perfil esquemático da estratigrafia da Lapa do Caboclo



Lasclas da Camada 2 da Lapa do Caboclo, com os atributos característicos de lascas de retoque de plaquetas.



Ponta de projétil em quartzo proveniente da Camada 2 da Lapa do Caboclo

Figura 2 - Perfil estratigráfico esquemático e vestígios arqueológicos do nível inferior da Lapa do Caboclo



por lascas de retoque, numa concentração notável: um nível artificialmente definido<sup>8</sup> com 5 cm de espessura, numa área de 0.5m<sup>2</sup>, forneceu mais de 1.000 peças. O sítio parece ter servido, ao menos na área coberta por nossa pequena amostra, como área de trabalho de retoque de artefatos, com expressiva frequência – considerando-se, além do número de peças, a expressiva variedade de matérias-primas utilizadas, atestando diversas operações de retoque. Não nos é possível, ainda, em função do estado muito preliminar das observações realizadas, fazer maiores considerações sobre quais artefatos as características do refugo indicam. Além das numerosas pequenas lascas, foram recuperados apenas escassos restos faunísticos e carvões sem organização evidente.

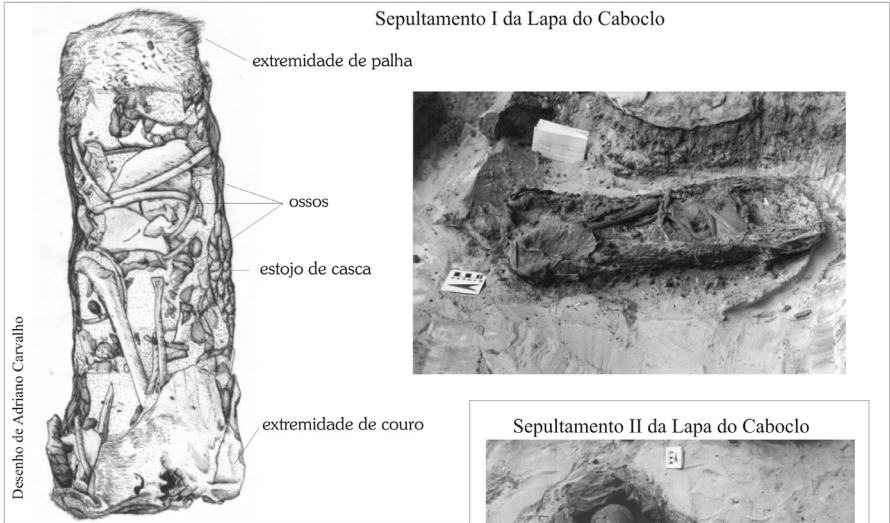
## **AS OCUPAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS RECENTES**

A Lapa do Caboclo nos ofereceu preciosas informações sobre as ocupações do Holoceno Superior. Relacionados às ocupações mais recentes do abrigo - período situado entre 680 BP  $\pm$  50 BP (Beta 199504) e 1220  $\pm$  40 BP\* (Beta 199503) - encontramos dois conjuntos de estruturas: sepultamentos secundários e estruturas de depósito de vegetais. Estas últimas que se parecem com os assim chamados “silos” já encontrados para ocupações do mesmo período em outras regiões do Norte de Minas Gerais (Prous, Brito & Lima, 1994 e Bueno, 2008).

Os sepultamentos (quatro até agora identificados) foram enterrados com os ossos desarticulados - fora de suas posições anatômicas - tingidos de vermelho, com associação de penas em estojos de casca de árvore<sup>9</sup> cujas extremidades foram fechadas com couro, de uma lado, e palha ou pedra, de outro. Vale notar que todos estavam próximos uns aos outros e com orientação semelhante (vide Figura 3).

Conforme as análises conduzidas por Ana Solari, bolsista de pós-doutorado na UFMG, das quatro estruturas funerárias, todas com notável grau de preservação, duas correspondem a indivíduos completos, um adulto masculino e uma criança. As duas outras estruturas incluem ossos de quatro outros indivíduos, todos infantis. As análises bioarqueológicas estão sendo apresentadas em artigo no prelo (Solari, Isnardis & Linke, no prelo).

Tiago Hermenegildo (pesquisador Dorothy Garrod Laboratory for Isotopic Analysis) realizou análises de isótopos de amostras de ossos de cada um dos quatro sepultamentos. Essas análises atestaram em três deles níveis de carbono e nitrogênio que indicam uma alimentação rica em carne e em plantas com metabolismo C4 (gramíneas, possivelmente milho).



**Exemplos de vestígios vegetais da Lapa do Caboclo**

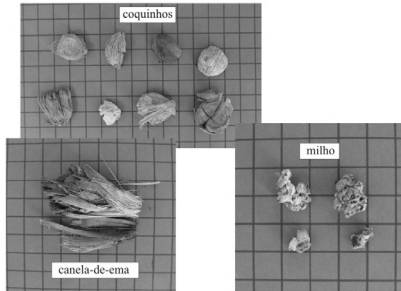


Figura 3- Estruturas de depósito de vegetais e estruturas funerárias da Lapa do Caboclo, datadas entre 1220 e 680 BP\*

O outro, de uma criança, apresenta baixa expressividade de carne e dieta sem plantas C4. Este último sepultamento pode ser de um período mais antigo, quando não havia ainda a introdução de plantas com este tipo de metabolismo, mas cujo universo simbólico vinculado à prática funerária era compartilhado com os demais indivíduos, cuja economia já havia passado por um importante processo de mudança. Solari destaca o aspecto bastante distinto dos ossos desse indivíduo, cujas características indicam, diferentemente dos demais, uma maior exposição e alteração dos ossos. Poderia se tratar, assim, de um sepultamento primário mais antigo, perturbado e parcialmente incorporado pelos sepultamentos secundários posteriores (Solari, Isnardis & Linke, no prelo).

A possibilidade de que as plantas C4, as quais deixaram registro nos ossos, sejam milhos (*Zea mays*) advém do fato de que nas estruturas vegetais, em ao menos 3 das 5 identificadas, foram encontradas espigas de milho e outras estruturas do vegetal<sup>10</sup>. Ainda não podemos divulgar tais dados enquanto certos e definitivos, mas nossa intenção aqui, como dito alhures, é compartilhar nossas abordagens, nossas dúvidas e expectativas.

Quanto às estruturas vegetais encontradas, estas correspondem a depósitos de materiais vegetais (frutos, sementes, palhas, folhas, pecíolos, raízes) postas diretamente em uma fossa, ou sobre uma trançado pouco elaborado de palha (vide Figura 3). Sobre elas foram colocados brasa e cinza<sup>11</sup>. A pesquisadora Myrtle Shock (Universidade do Amazonas), com a ajuda do então estagiário do Setor e Arqueologia do MHNJB-UFGM, Bernardo Fogli, realizou as análises do material presente nas estruturas (foram analisadas três estruturas de depósito, assim como o material disperso pela camada sedimentar intermediária em três diferentes áreas do sítio e o material proveniente da fossa de uma das estruturas funerárias) e se pôde identificar diversas espécies: milho (*Zea mays*, fragmentos de espigas, grãos e palha), canela-de-ema (espécies de Velosiáceas), coquinhos (de espécies ainda não confirmadas, das quais temos o fruto, inteiro ou partido, roído por roedores ou não, e as brácteas), jatobá (*Hymenaea stilbocarpa*), matéria lenhosa (provavelmente de espécies diferentes), além de outras sementes ainda não identificadas (vide Figura 3). As análises de isótopos, juntamente com a identificação das espécies vegetais, associados ainda com o período de ocupação, apontam para o consumo de plantas domesticadas. Esta é uma possibilidade que nos traz muitas perguntas sobre a ocupação da região. Comumente associa-se ao consumo de plantas domesticadas, a horticultura e a produção cerâmica. No caso dos sítios até agora analisados na região de Diamantina, os vestígios cerâmicos são absolutamente pouco frequentes, tanto em número de fragmentos por sítio, quanto em número de sítios em que se fazem presentes.

A ausência de cerâmica é um importante dado nas nossas pesquisas, que demanda novos levantamentos, pois, diante dos elementos atualmente disponíveis, parece que estamos frente a uma ocupação horticultora não-ceramista, situação bastante rara na bibliografia arqueológica brasileira. Uma possibilidade que devemos seriamente considerar é que, não tendo sido ainda encontrados sítios a céu aberto que sugiram aldeias ou acampamentos, poderíamos estar diante de um conjunto de sítios de uma população que praticava a cerâmica, mas que esta não tinha lugar expressivo nas atividades realizadas nos sítios em abrigo – a ausência de informação oral sobre sítios cerâmicos e a total ausência de fragmentos cerâmicos no sítio utilizado como cemitério nos fazem crer que é mais provável que estejamos diante de um caso em que a prática da cerâmica era muito restrita.

As primeiras observações e coletas de superfície em abrigos diamantinenses puseram em evidência tipos de artefatos recorrentes associados ao período final das ocupações pré-históricas, em abrigos que apresentavam morfologia similar e semelhante implantação da paisagem – as lapas do Boi, do Caminho da Serra, do Peixe Gordo e de Moisés. Tais recorrências permitiram a formulação da hipótese de estarmos diante de uma categoria específica de sítios, correspondente a essa implantação (fácil acesso, sopé de afloramentos, junto a áreas planas de campo), essa morfologia (superfícies planas, majoritariamente sedimentares, entremeadas de blocos de médio porte) e um elenco de artefatos retocados – plaquetas de quartzito com retoques simples, de gumes retos ou denticulados; instrumentos plano-convexos sobre plaquetas de quartzito, com gumes múltiplos; pequenos instrumentos sobre lascas de quartzito, com gumes semi-circulares abruptos e retoques delicados e regulares; pequenos instrumentos em quartzito de gumes retos e semi-abruptos ou rasantes, sobre suportes diversos. Diante dessa hipótese, organizamos atividades prospectivas e coletas sistemáticas de superfície em novos abrigos, de modo a formar uma coleção de materiais que contemplasse outros abrigos de morfologia e inserção da paisagem semelhantes (para os quais utilizamos o termo “abrigos de borda de campo”), assim como abrigos, com materiais de superfície, que escapassem a essa implantação e morfologia. A abordagem que empreendíamos era uma tentativa de reunir elementos para o entendimento da organização tecnológica das ocupações pré-históricas recentes. Após etapas subsequentes de prospecção, sondagens e coletas, formamos um corpo de análises que reunia os seguintes sítios e seus materiais: Lapa do Boi, Gruta da Lasca, Lapa da Bandalheira, Lapa do Caminho da Serra I, Lapa de Moisés, Casa de Pedra Norte, Lapa da Ciranda, Lapa da Chica, Abrigo do Peixe Gordo e Lapa Pintada de Datas.

Como apoio e balizamento das coletas e sondagens nos diversos abrigos, dispúnhamos das escavações mais amplas na Lapa do Caboclo, com datações

para o horizonte de ocupações recentes e conjuntos peculiares de estruturas (os depósitos de vegetais e os sepultamentos) e maior diversidade de vestígios. Para conduzir uma análise que interpretasse os diversos sítios de modo integrado, como partes de um sistema, a Lapa do Caboclo era um componente valioso, pois seu registro arqueológico peculiar se alia a uma morfologia também peculiar (área abrigada mais profunda e ampla, com setores escalonados) e uma implantação na paisagem diferenciada (encaixado numa ampla fratura do afloramento, recuado em relação a sua linha exterior, e acessível por amplo lajedo escalonado). Com o Caboclo, podíamos agregar outros aspectos ao modo de percepção e uso da paisagem, ultrapassando a compreensão apenas da organização tecnológica da indústria lítica.

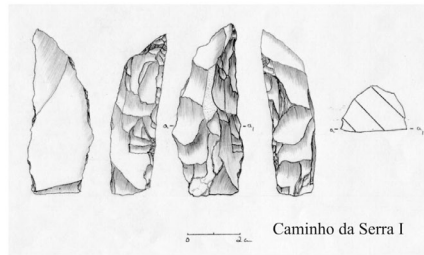
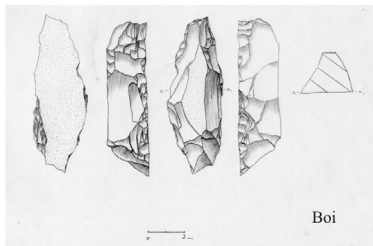
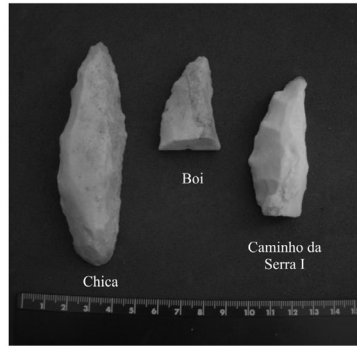
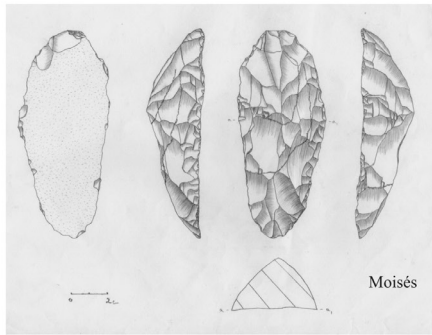
O desenvolvimento de sondagens em alguns abrigos, que forneceram datações absolutas e relativas, e as condições deposicionais do material de superfície nos sítios permitiram atribuir a maioria das coleções de superfície e dos níveis superiores dos abrigos sondados ao horizonte de ocupações do Holoceno Superior, restando, contudo, alguns casos em que a atribuição cronológica permaneceu duvidosa. Nesses casos, a caracterização tecnológica dos materiais líticos foi o meio para propor conexões com os conjuntos de inserção cronológica mais segura.

Para a investigação da organização tecnológica das ocupações do Holoceno Superior outra questão central devia ser abordada: a disponibilidade e o aproveitamento das variedades de matérias-primas em cada sítio. Com a ampliação do número de sítios, essa questão pode ser enfrentada, na medida em que localizamos e analisamos sítios que, além dos conjuntos artefatuais, ofereciam (em suas próprias paredes e blocos ou plaquetas dispostos no solo) quartzitos de feições diversas, com diferentes propensões aos lascamento (quartzitos de granulometria fina, homogêneos e muito compactos; quartzitos de granulometria mediana, porém homogêneos; quartzitos de granulometria mediana, mas heterogêneos e friáveis).

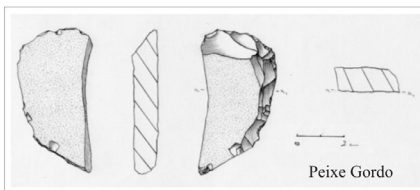
A comparação das matérias-primas naturalmente disponíveis nos sítios com aquelas observadas nos artefatos presentes em cada sítio permitiu distinguir o emprego de variedades alóctones e autóctones para grupos específicos de instrumentos e, assim, distinguir esquemas de gestão dessas matérias. A análise tecnológica da totalidade dos materiais coletados – instrumentos retocados, lascas sem retoque, núcleos e demais vestígios líticos – pôs em evidência padrões tecnológicos (escolhas de suporte, métodos de debitagem, façomagem e retoque) e permitiu a formulação de 13 grupos de artefatos retocados com afinidades morfológicas e tecnológicas (para apresentação em detalhe de cada um dos grupos, vide Isnardis, 2009). Foram identificadas as cadeias operatórias correspondentes às diversas categorias de materiais líticos presentes em cada

sítio, identificando-se quais etapas de cada uma dessas cadeias estavam presentes ou ausentes em cada abrigo. Alguns grupos de artefatos merecem considerações especiais aqui. Os artefatos plano-convexos sobre plaquetas (vide Figura 4) são muito similares morfológica e tecnologicamente àqueles que marcam o horizonte das ocupações da transição entre o Pleistoceno e o Holoceno no Brasil Central – que foram congregados sob o epíteto de “Tradição Itaparica” (Schmitz *et al.*, 2004). Não se trata de construir aqui críticas à definição dessa tradição, bem desenvolvidas por outros autores (Fogaça, 2001; Bueno, 2007), mas de por em evidência as semelhanças e diferenças tecnológicas entre os artefatos associados à Tradição Itaparica e os plano-convexos recentes de Diamantina. As diferenças concentram-se na escolha dos suportes: enquanto os artefatos antigos de Goiás, do Norte de Minas e do Tocantins se produzem sempre sobre lascas (produzindo façanagem e retoque sobre a face externa), os plano-convexos diamantinenses recentes são produzidos sobre plaquetas<sup>12</sup>. As semelhanças envolvem a morfologia final e os atributos dos gumes, em que se vê dois bordos longitudinais e bordos transversais curtos em uma ou duas das extremidades. Os bordos podem ser descritos como compostos de diversos gumes, ora retos, ora côncavos, ora convexos, com ângulos que variam de rasantes a abruptos, compondo o que os pesquisadores têm apontado como instrumentos provavelmente multifuncionais (Fogaça, 2001; Bueno, 2007). As peças recentes de Diamantina também apresentam sinais de reavivagens recorrentes, de curadoria (Bueno, 2007), indicando a possibilidade de reforma e sugerindo a portabilidade como atributos ou características de performance valorizadas. Dada a profunda distância cronológica entre as indústrias antigas centro brasileiras e os plano-convexos diamantinenses, propomos que as semelhanças se tratem de uma convergência de soluções tecnológicas. Outro grupo de artefatos que merece destaque é o constituído por instrumentos de pequenas dimensões sobre lascas de quartzo. Aqueles de gume semi-circular ou denticulado são sempre produzidos sobre lascas, com retoques muito regulares e delicados (vide Figura 4), e se assemelham muito aos artefatos presentes em porção mais meridional da Serra do Espinhaço, no Grande Abrigo de Santana do Riacho (Prous, 1991).

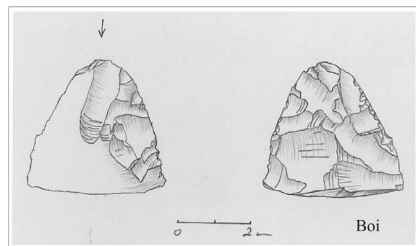
Como resultados das análises do conjunto de sítios e coleções foi possível delinear três categorias de sítios, com papéis complementares na organização tecnológica das ocupações do Holoceno Superior. O agrupamento dos sítios em categorias se deu a partir das disponibilidades locais de matéria-prima, das variedades de rochas empregadas em seus artefatos, nos atributos físicos dos abrigos e na presença em cada abrigo das diferentes etapas das diversas cadeias operatórias identificadas (vide Figura 5).



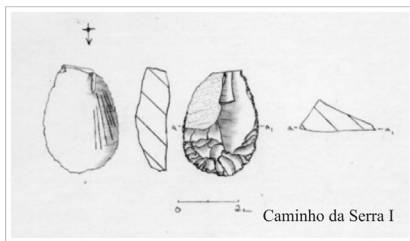
Artefatos plano-convexos sobre plaquetas de quartzo



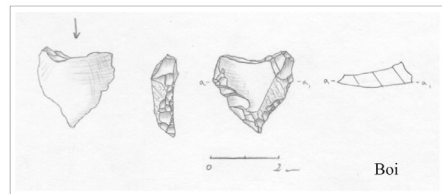
Artefato fraturado sobre plaqueta de quartzo



Artefato em quartzo com retoques bifaciais



Artefato em quartzo com gume semi-circular



Artefato em quartzo com bico

Figura 4 - Artefatos líticos das ocupações do Holoceno Superior (os nomes junto aos desenhos indicam o sítio de origem de cada artefato)

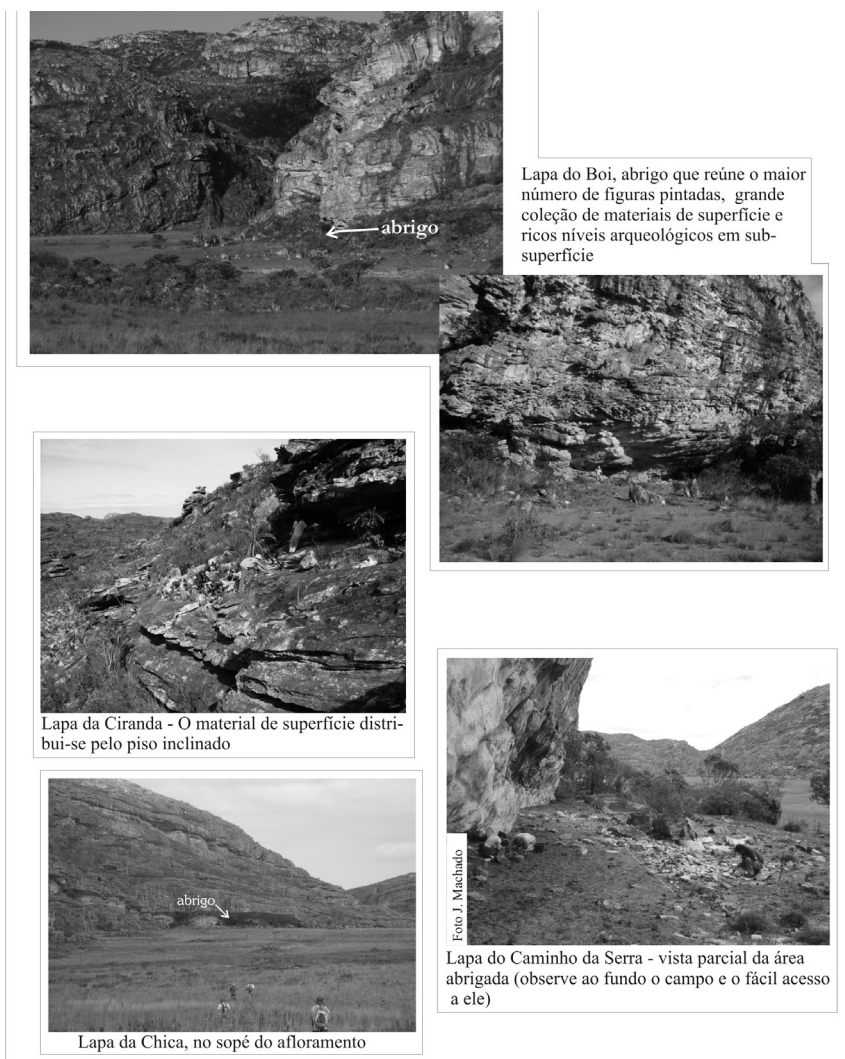


Figura 5 - Sítios em abrigo na região de Diamantina

A primeira categoria corresponde aos abrigos de borda de campo em que não estão disponíveis as variedades mais refinadas de quartzito. Os sítios desse grupo apresentam artefatos pequenos e refinados de quartzito (sobre lascas, com gumes semi-circulares; sobre suportes diversos, com gumes retos ou em bico), numerosas lascas de retoque de quartzito, plaquetas da(s) variedade(s) de quartzito local(is) com seqüências simples de retoque, plano-convexas sobre plaquetas de



variedades de quartzito não disponíveis localmente, núcleos das variedades locais de quartzito, além de outros artefatos – cuja frequência relativa varia entre os sítios desta categoria. A segunda categoria de abrigos corresponde aos abrigos de borda de campo em que variedades finas e homogêneas de quartzito estão naturalmente disponíveis. Esses sítios apresentam plano-convexos sobre plaquetas, produzidos com os quartzitos finos localmente disponíveis, plaquetas com retoques simples, núcleos em quantidades expressivas e outras categorias de artefatos retocados em quartzito (com significativa variação de um abrigo a outro). Nesses sítios, os instrumentos em quartzo são numericamente insignificantes ou ausentes.

Um abrigo, a Lapa da Ciranda, com quartzitos finos disponíveis localmente e implantação na paisagem e morfologia distintas daquelas dos abrigos de borda de campo, corresponde à terceira categoria definida. Nesse, os artefatos em quartzo são ausentes, vêem-se alguns artefatos sobre plaquetas delgadas com retoques simples e muito poucos artefatos plano-convexos. Por outro lado, são abundantes as lascas de retoque e de façanagem, formando um corpo de refugos compatíveis com a produção dos plano-convexos.

Articulando as três categorias, temos um sítio utilizado como fonte de variedades finas e homogêneas de quartzito e provável local de fabricação de plano-convexos, mas que não consistia num local de uso e descarte desses artefatos. Os abrigos de borda de campo sem quartzitos finos disponíveis correspondem a locais para os quais os plano-convexos de quartzito foram conduzidos já prontos, onde foram utilizados e descartados. Também neles se retocaram e puseram em uso os pequenos instrumentos de quartzo, assim como instrumentos simples de quartzitos (de qualidade mediana) sobre as plaquetas localmente disponíveis. Tais abrigos assumem, assim, feições sugestivas de acampamentos temporários, em que se realizava um corpo de atividades específico (envolvendo as plaquetas retocadas, os plano-convexos e os instrumentos de quartzo), sem uma frequência muito acentuada – pois o número de vestígios é inferior ao que se produziria com um uso muito intenso ou com muitas reocupações. Por fim, na terceira categoria, os abrigos de borda de campo com quartzitos finos disponíveis se configuram semelhantemente como acampamentos temporários – com uso e descarte dos artefatos em plaqueta e dos plano-convexos. Mas funcionaram também como fontes das matérias-primas e oficinas de fabricação dos plano-convexos – que podem ter sido conduzidos a outros abrigos -, embora as atividades que se valiam do emprego dos pequenos artefatos de quartzo não se tenham realizado nesses locais. A Lapa do Caboclo, espaço eleito como funerário e palco de outras atividades pelos grupos do horizonte de ocupações recentes, compartilha parcialmente os atributos dos sítios de borda de campo, especialmente no que diz respeito ao

lascamento e uso de artefatos de quartzo. Mas conta com um número insignificante de plano-convexos (apenas uma peça) e não apresenta sinais do uso dos quartzitos locais para produção de peças simples (lascas ou plaquetas de retoques simples).

## OS GRAFISMOS RUPESTRES

Se por um lado temos conjuntos artefatuais em sub-superfície e superfície cujos horizontes cronológicos encontram-se bem definidos e datados, por outro lidamos com conjuntos de grafismos rupestres para os quais não temos datas absolutas que permitam situá-los em períodos cronológicos precisos.

A nossa única forma de tentar localizar temporalmente os conjuntos gráficos da região de Diamantina é, fazendo uso de comparações estilísticas e relações geográficas, explorar a possibilidade de relacioná-los a conjuntos gráficos de outras regiões do centro-mineiro para as quais se tenha datações, absolutas ou relativas (máximas e mínimas), obtidas a partir de informações contidas em sub-superfície. Neste sentido, podemos tentar estabelecer uma relação dos grafismos rupestres de Diamantina com aqueles do Grande Abrigo de Santana do Riacho. Os conjuntos gráficos das duas regiões exibem figuras que podem claramente ser atribuídas à Tradição Planalto. Alguns dos grafismos de Santana do Riacho puderam ser situados no tempo através de dados arqueológicos situados em sub-superfície e que se relacionam aos grafismos rupestres, situando estes entre 4.340 BP e 2.000 BP\* (Prous & Baeta, 1992/93). Deste modo, podemos ter em mente que os grafismos de Diamantina podem se inserir neste mesmo período cronológico.

Contudo, a localização dos grafismos em uma escala temporal tornou-se para nós apenas uma possibilidade. Resolvemos lidar com os mesmos a partir das possibilidades que eles nos colocam com suas diversidades gráfica, temática e estilística e com suas sobreposições.

Trabalhamos com os conjuntos gráficos da região de Diamantina seguindo as abordagens há muito em uso nas pesquisas do Setor de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. Realizamos análises cronoestilísticas, que buscam analisar os diferentes conjuntos estilísticos de pinturas e suas relações cronológicas, a partir das sobreposições existentes entre eles e das semelhanças existentes entre suas tintas.

Definimos, para os grafismos atribuíveis à Tradição Planalto, quatro<sup>13</sup> momentos, que apresentam variações estilísticas significantes, mas que apresentam e mantêm semelhanças importantes entre si, o que permite considerá-los como

parte de um conjunto ou unidade, aqui chamada de Tradição (vide Figura 6). Tais momentos foram definidos observando-se as características estilísticas dos mesmos, que incluem características técnicas (se pintura, se gravura), características gráficas (morfologia dos grafismos e gestual de composição) e a temática, além dos espaços que os grafismos figuram (os espaços escolhidos dentro do sítio, o sítio em si, a paisagem em que o sítio se inscreve<sup>14</sup>).

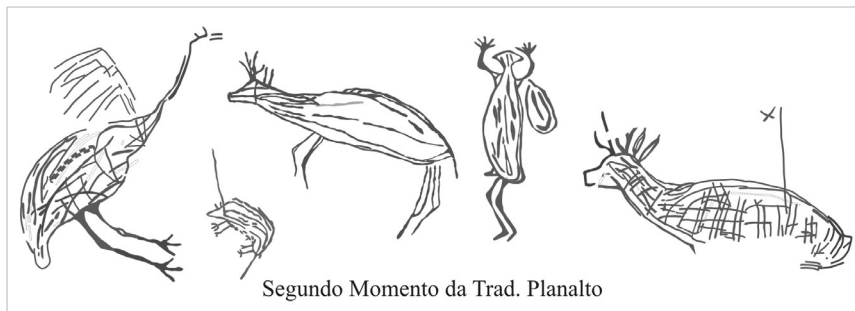
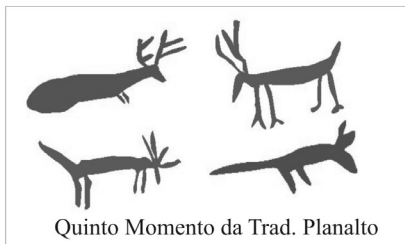
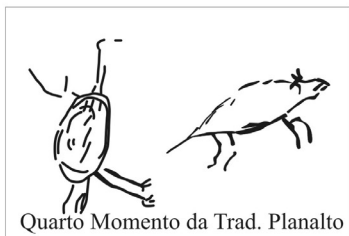


Figura 6- Conjuntos cronoestilísticos de pinturas da região de Diamantina

A Tradição Planalto é caracterizada por grafismos predominantemente zoomorfos, cujos temas predominantes são os cervídeos e os peixes. Figuram no seu repertório gráfico as aves e pequenos quadrúpedes. Antropomorfos aparecem frequentemente associados aos cervídeos, que por vezes aparecem atravessados por um traço longo, sugerindo uma cena de caça. As figuras geométricas parecem ser raras, mas foram definidas enquanto conjunto temático da tradição por serem comuns na região de Lagoa Santa, local em que a tradição foi definida (Prous, 1992). As figuras são todas realizadas a partir da técnica de pintura, com utilização de pigmentos vermelhos e amarelos com maior frequência, sendo que as figuras mais tipicamente atribuídas à tradição aparecem realizadas a partir de mistura entre pigmento e aglutinante (tinta). As associações temáticas mais frequentes são os pares e, por vezes, conjuntos de peixes e aves, assim como conjuntos de cervídeos – muitas vezes colocados um de frente ao outro -, e associações entre peixes e cervídeos. Em Diamantina a Tradição Planalto aparece em figurações de zoomorfos e antropomorfos. Os temas presentes entre os grafismos zoomorfos são os cervídeos, peixes, as aves (que são bastante representadas na região) e outros quadrúpedes (tatus e outros não identificados). Os geométricos se restringem a bastonetes e pentes e não foram ainda contemplados em nossas análises, por serem pouco recorrentes.

O primeiro momento da Tradição Planalto na região de Diamantina caracteriza-se por figuras compostas por uma linha contínua que perfaz o contorno e outras poucas que fazem o preenchimento das figuras, quando este existe. Elas tendem ao naturalismo, mas, quando comparadas às figuras do segundo momento, parecem ser mais econômicas no número de traços e detalhes (**vide Figura 6**). As figuras apresentam tamanho de aproximadamente 70 cm, um pouco mais, um pouco menos. Este é o conjunto inaugurador dos sítios, e ocupou os painéis mais amplos disponíveis e que se apresentavam menos rugosos e menos manchados. Embora sejam os inauguradores, não exploram exaustivamente os painéis, e são discretos, quanto ao número de figuras nos sítios e de sítios ocupados.

O segundo momento caracteriza-se por grafismos com alto grau de naturalismo, com muitos detalhes anatômicos na maioria de suas pinturas. As figuras são compostas por muitas linhas fluidas, que ora fazem o papel de contorno, ora fazem papel de preenchimento<sup>15</sup>. Os preenchimentos são sempre presentes e elaborados por linhas paralelas, oblíquas, convergentes (**vide Figura 6**). As figuras deste momento variam muito em tamanho, havendo figuras de aproximadamente 30 centímetros e figuras que ultrapassam um metro. Os autores deste momento inauguraram novos sítios e reocuparam aqueles inaugurados pelo seu antecessor, escolheram

os suportes mais visíveis nos sítios e os ocuparam intensamente, realizando sobreposições intensas com figuras do primeiro momento e com suas próprias.

O terceiro momento, assim como o primeiro, teve seus grafismos compostos por linhas que têm suas funções claramente determinadas: ou cumprem a função de contorno, ou de preenchimento. Este último está sempre presente nos grafismos e é composto por linhas rigorosamente dispostas paralelas entre si ou por pontos alinhados (vide Figura 6). As figuras possuem tamanho de aproximadamente 50 cm, e são compostas de forma simples, não se preocupando com o naturalismo. Seus grafismos aparecem em sítios anteriormente inaugurados, mas também em sítios em que só eles figuram. Os painéis escolhidos tendem a se localizar nas periferias dos sítios, em locais mais discretos e em nichos. Embora realizem sobreposições, parece haver uma tendência em se colocarem isoladamente nos painéis, ou justapostos.

O quarto momento é aquele que mais se difere dos restantes. Seus grafismos são chapados, não havendo, portanto, uma distinção entre contorno e preenchimento (vide Figura 6). As figuras são bem pequenas, não ultrapassando 30 cm. Não se preocupam com o naturalismo, ao contrário, tendem a exagerar as dimensões de certos atributos dos temas representados (como galhadas, orelhas e patas), enquanto simplificam os corpos. Este momento de pintura aparece em poucos sítios e, neles, escolhe os suportes não pintados, mas que apresentam uma certa visibilidade. Tendem a se colocar isolados e evitam sobreposições (há apenas um caso de sobreposição direta).

Alguns grafismos foram ainda atribuídos, por semelhança temática, a outras unidades estilísticas definidas em outras áreas do estado de Minas Gerais e do Brasil, mas estão sendo revistos, à medida que nosso conhecimento sobre os grafismos da região vem se tornando mais maduro. Este é o caso de alguns antropomorfos, atribuídos inicialmente às Tradições Agreste e Nordeste, e que parecem, na verdade, compor o repertório Planalto regional. Tais antropomorfos têm morfologia que difere sobremaneira dos já descritos antropomorfos esquemáticos associados à Tradição Planalto. Estes são compostos dando ênfase aos diferentes membros e apêndices corpóreos (braços, mãos, pés, dedos, vulva ou pênis, por vezes olhos) e, em alguns casos, aparecem em cenas de cópula, semelhantes às cenas da Tradição Nordeste (Pessis, 2003).

Foi no estudo dos grafismos rupestres regionais que a perspectiva da Arqueologia da Paisagem teve um de seus desdobramentos mais concretos. Em sua dissertação de mestrado, uma das autoras deste artigo conduziu uma análise pormenorizada dos elementos naturais da paisagem do entorno e do interior dos

sítios pintados, em busca de identificar recorrências na associação entre atributos naturais e arqueológicos da paisagem, que evidenciassem a estrutura da construção da paisagem por meio dos conjuntos gráficos (Linke, 2008). O resultado foi a identificação de um nítido padrão de escolha de locais a se pintar e a constatação de uma clara continuidade na eleição desses lugares ao passo que se processaram as mudanças estilísticas. Os abrigos eleitos apresentam, em sua larga maioria, aspectos comuns que congregam atributos do espaço do próprio abrigo e de sua implantação no relevo, bem como de seu posicionamento em relação a certos elementos naturais (para detalhes desses atributos, ver Linke, 2008). De modo simplificado, podemos apontar que a eleição dos abrigos para receber grafismos, cujos critérios foram estabelecidos pelos primeiros pintores e mantidos pelos seus sucessores, priorizou claramente aqueles que se encontram diante de áreas de campo, facilmente acessíveis a partir destas, no sopé dos afloramentos rochosos e cujos pisos são predominantemente regulares, nunca distante dos cursos d'água, sempre visíveis a considerável distância e abrindo, para os que o ocupam, uma ampla visão do entorno. Entendemos que essa eleição - acompanhada de sua manutenção ao longo dos diversos momentos de produção dos grafismos - é expressão de uma lógica de perceber a Serra e de nela se comportar, é a construção estruturada de uma rede de lugares plenos de significado, a construção de paisagem por meio dos grafismos. Se as razões que levavam a pintar e as demais atividades a isso associadas não são ainda identificáveis, podemos reconhecer um modo de se comportar naquele cenário que se mostra notavelmente organizado e estável, superando a diversidade estilística que pudemos identificar.

Outro aspecto muito relevante que as análises puseram em evidência foi um modo de se construir diacronicamente painéis e figuras, que não havia ainda sido reconhecido pelas pesquisas arqueológicas centro-brasileiras. A bibliografia sempre destacou a recorrente prática de sobrepor intensamente figuras no conjunto que se definiu como Tradição Planalto. Essas sobreposições foram descritas como causando uma expressão de caos aparente e uma dificuldade em se individualizar com clareza as figuras em diversos painéis. A análise dos sítios de Diamantina, com a atenção voltada para a diacronia de figuras e estilos, evidenciou que, por de trás do caos aparente, há uma lógica organizativa marcada pela justaposição sistemática entre as figuras, pelo encaixe de novos temas entre os contornos precedentes, bem como pela construção de figuras que englobam figuras pré-existentes, contornando-as atentamente. Pudemos perceber, ainda, que essa intensa interação diacrônica envolve a apropriação de traços já existentes na parede para se compor novas figuras, que resultam de acréscimos de novas partes a figuras antes já completas (uma nova anca e novas pernas

acrescidas a um cervídeo já anteriormente pintado, a repintura parcial de um cervídeo com o acréscimo de galhada) ou à incorporação de traços já presentes com nova função em novas figuras (o emprego das pernas de um cervídeo para servirem de linhas de preenchimento a um peixe que a ele se sobrepõe). Deste modo, nos foi possível reconhecer um comportamento marcante das expressões gráficas regionais: a interação com as pinturas pré-existentes por parte dos novos pintores que intervêm nas paredes (Figura 7). Essa rede de interações, embora seja mais intensa entre os estilos mais antigos, também é transversal aos conjuntos cronoestilísticos que definimos, renovando-se enquanto os atributos estilísticos das figuras se modificam. Para os autores pré-coloniais da região, pintar não implicava em construir uma intervenção autônoma nos suportes, essa intervenção podia ser parcial ou inteiramente orientada pelas figuras que já os ocupavam - diferentemente do que se vê para outros conjuntos gráficos do interior mineiro (vide Isnardis, 2004; 2009). Para maiores desenvolvimentos interpretativos a esse respeito, o leitor interessado deve consultar vide Linke & Isnardis (2008) e Isnardis & Linke (2010), mas queremos aqui destacar que entendemos tais comportamentos como um comportamento tão relevante para o entendimento das expressões gráficas regionais quanto suas variações estilísticas e temáticas.

A análise, atenta a esses aspectos e informada por outros conjuntos gráficos do Norte de Minas Gerais<sup>16</sup>, envolveu também a identificação dos modos de construção gráfica das figuras, para além dessa composição que envolve interações diacrônicas. Pudemos evidenciar que os distintos conjuntos cronoestilísticos que delineamos apresentam modos particulares de compor as figuras, maneiras características de combinar os traços de modo a dar aos temas seu aspecto final. Os dois primeiros conjuntos gráficos, sobretudo o segundo, apresentam um modo bastante peculiar de compor os zoomorfos e antropomorfos. Diferentemente do que parece acontecer com outros conjuntos, em Diamantina e em outras regiões com presença do que se tem chamado de Tradição Planalto, não há o emprego de traços contínuos ou continuados para se definir um conjunto e então o acréscimo de traços para compor o preenchimento e delinear os membros. O que se vê são traços que se iniciam como contorno parcial e depois fazem o papel de preenchimento, enquanto novos traços os contornam apenas parcialmente por fora, para compor mais um segmento do contorno, também incompleto, contorno que só se define ao final, pela justaposição ou derivação de traços múltiplos; por vezes um traço se inicia como preenchimento das ancas e, numa inflexão, se torna parte constitutiva da perna ou de outro apêndice corporal. Esse modo de construir parece demonstrar uma grande familiaridade com o gestual que produz essa trama de traços sempre parciais, incompletos, quase

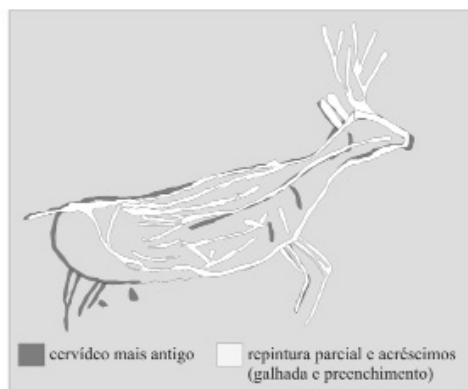
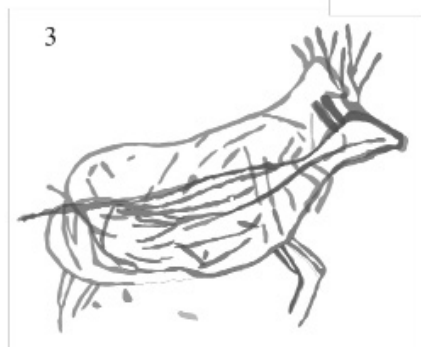
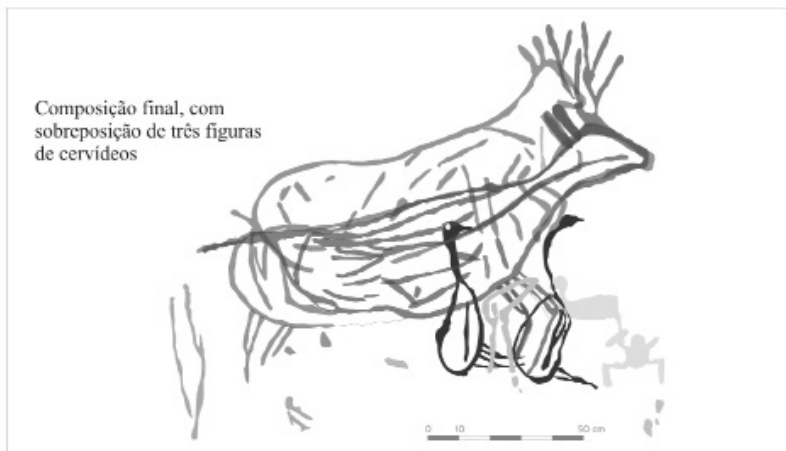


Figura 7 - Composição diacrônica de figuras na Lapa do Boi. O terceiro cervídeo composto se vale dos traços de seu antecessor e lhe acrescenta uma galhada e preenchimento mais denso.



caóticos ao início, mas que resultam em composições bastante equilibradas em termos de volumes e ritmo de elementos, produzindo notável grau de naturalismo, sugerindo uma mão que já chega experiente e educada à parede.

## INCONCLUSÕES

As pesquisas sobre a pré-história de Diamantina vivem ainda sua infância, mas essa infância já foi povoada de referências, de interpretações e da formulação de diversas questões. Os estudos até aqui empreendidos permitem que se coloque a região de pesquisa em diálogo com outras regiões centro brasileiras, no tocante a diversas questões. Essas possibilidades de diálogo têm sido mantidas como preocupação constante, na medida em que não nos interessa de forma alguma construir um corpo de conhecimentos isolados.

Um dos pontos que permite imediatamente conectar o Planalto Meridional do Espinhaço a discussões mais amplas é a constatação da antiguidade das ocupações. O horizonte de ocupação da transição do Pleistoceno ao Holoceno e do Holoceno Inicial tem sido recursivamente identificado em áreas diversas de Minas Gerais, Bahia, Goiás, Tocantins, revelando uma semelhança tecnológica notável (Fogaça, 2001; Rodet, 2006; Bueno, 2007). Embora em Diamantina as análises desse período sejam ainda iniciais, encontramos ali indícios que apontam para a possibilidade de que Diamantina também compartilhe, em alguma medida, da afinidade tecnológica que se vê no período, posto que encontramos refugos de lascamento compatíveis com a produção de plano-convexos.

Por contar com uma outra indústria que também inclui os plano-convexos, no horizonte de ocupações recentes, Diamantina contribui para colocar tais artefatos em perspectiva, apontando para o fato de que tais características tecno-morfológicas podem ser produzidas em contextos muito distintos. Assim, enfatiza e oferece novos argumentos para uma questão em que diversos autores vêm insistindo sistematicamente (Prous, 1992; Fogaça, 2001; Rodet, 2006; Bueno, 2007): a necessidade de que as discussões sobre as indústrias agregam elementos mais diversos e não apenas índices ou fósseis-guia para o estabelecimento de afiliações culturais.

Outro aspecto observado em Diamantina que se conecta a questões macro-regionais é a ausência de níveis com ocupações do Holoceno Médio nos abrigos – temos um intervalo entre 8760 BP e 2750 BP<sup>17</sup> sem datações. A ausência, escassez ou empobrecimento desses níveis arqueológicos em outras áreas têm levado os pesquisadores a se perguntarem sobre o que se processou no período – se houve uma depopulação das áreas de cerrado, se

houve mudanças nos padrões de mobilidade, se houve uma mudança dos papéis dos abrigos nos sistemas de ocupação ou se estamos ainda diante de um viés amostral (os abrigos estariam empobrecidos de vestígios, mas haveria outros sítios com outras implantações que temos tido dificuldade de encontrar).

Os grafismos rupestres de Diamantina estão permitindo um entendimento mais minucioso do que a bibliografia reconhece como Tradição Planalto, por explorar em detalhe sua expressão regional e também por explorar alguns aspectos que, alguns já observados anteriormente em outras regiões, não haviam ainda sido investigados de forma sistemática. Este é o caso das intensas sobreposições, que se observam em todas as áreas de ocorrência da tradição. Em Diamantina pudemos por em evidência que, longe de caóticas, essas sobreposições implicam numa trama sofisticada de apropriação de figuras antigas e associações diacrônicas (para uma discussão das implicações dessa percepção vide Linke & Isnardis, 2008). A análise do modo de construção gráfica das figuras também tem aberto caminhos para o diálogo com outras regiões, em que também se tem recorrido a essa dimensão dos grafismos para reconhecer elementos estilísticos.

Tanto no que se refere às indústrias líticas antigas quanto aos grafismos, Diamantina participa das discussões sobre a validade das grandes unidades classificatórias, as Tradições, tanto no que tange à sua validade como categoria, quanto à necessidade de discuti-las em termos os mais ricos e diversos de elementos possíveis, em lugar de absolutizar fósseis-guia ou a elementos indicadores isolados.

Outra questão macro-regional em que as pesquisas de Diamantina se inserem é aquela referente à caracterização e diversidade dos modos de vida de populações horticultoras. Em Diamantina, cerâmica e horticultura não ocorrem com a combinação tradicionalmente descrita e pressuposta. A análise das ocupações recentes dos abrigos evidencia outros aspectos dos modos de vida dos horticultores do cerrado, que têm se mostrado – à concordância das referências etnográficas – bastante diversificado, gerando outras categorias de sítio que não as clássicas aldeias recorrentes na bibliografia. Se, na bibliografia arqueológica brasileira, os abrigos têm sido os sítios centrais para a compreensão das antigas ocupações de caçadores-coletores, ainda há um amplo caminho para se compreender o seu papel nos sistemas de ocupação das comunidades de horticultores, muito além da condição, já conhecida, de espaços funerários.

Por fim, gostaríamos de destacar que as conexões que os trabalhos em Diamantina permitem não são apenas com as discussões sobre períodos e aspectos das ocupações, mas também sobre abordagens e perspectivas teóricas. Diversos autores têm exercitado os novos conceitos de paisagem para analisar conjuntos de sítios e, nas pesquisas no Espinhaço, cremos que nossos resultados e questionamentos demonstram as possibilidades que tais

conceitos oferecem. O mesmo se pode dizer sobre a disposição de combinar os conceitos de organização tecnológica e cadeia operatória, que, advindos de “linhagens” distintas de perspectivas teóricas, têm sido combinadas por jovens pesquisadores brasileiros. Em nossa avaliação, essa combinação nos abrigos da Serra demonstrou-se não só viável, como também frutífera, nos permitindo articular sítios distintos como um sistema a análises tecnológicas aprofundadas.

Assim como os frutos são nítidos, são também evidentes carências. Para que possamos explorar a contento a grande riqueza que o registro arqueológico da região de Diamantina nos tem generosamente oferecido, muitas análises precisam avançar. Um dos aspectos de destacada carência é o estudo das categorias de vestígios não-líticos, os restos faunísticos e, especialmente, os vestígios vegetais e esqueléticos. As limitações de verbas têm colocado restrições muito concretas para a curadoria e a análise desses materiais, o que se alia à limitação da equipe, pequena e carente de especialistas – especialmente de campos das ciências biológicas – para dar conta da fatura de materiais que os sítios nos ofertaram. Nesse sentido, agradecemos aos pesquisadores Myrtle Shock e Tiago Hermenegildo, cuja generosidade e franca disposição para construir em conjunto são responsáveis pelos mais significativos esforços para suprir tais carências.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos àqueles que fizeram e fazem parte da equipe de pesquisa na região, todos eles responsáveis pelos seus produtos e participantes efetivos de sua construção: Ângelo Pessoa, Luíza Câmpora, Rafael Miranda, Bernardo Fogli. Agradecemos também ao Prof. André Prous, interlocutor ao longo de todo o processo e responsável pela viabilização de todos os projetos. Um agradecimento especial vai também para Adriano Carvalho, da equipe do Setor de Arqueologia, pelo belo desenho do Sepultamento I da Lapa do Caboclo, utilizado neste artigo.

As pesquisas arqueológicas em Diamantina foram financiadas pela Mission Archéologique Franco-Brésilienne (Ministère des Affaires Étrangères francês), nos anos de 2004 e 2005, e pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), nos anos de 2006 a 2011.

## **NOTAS**

<sup>1</sup>O projeto teve a coordenação de um dos autores do presente artigo, Andrei Isnardis, bem como a participação de Vanessa Linke, como aluna do curso de Geografia, quando da época do projeto.

<sup>2</sup>Isso só foi possível em poucos casos, pois na imensa maioria das vezes os registros

são vagos e incompletos demais para permitirem que os sítios sejam reconstruídos. Não poucas foram as vezes em que, nas prospecções, tenham sido os sítios redescobertos!!!

<sup>3</sup>Os sítios com pinturas calcadas foram: Boi, Boi Leste, Moisés, Moisés Leste, Emas, Galheiro, Voador e Caboclo; os sítios sondados foram Caboclo, Boi, Bandalheira, Moisés, Peixe, Caminho, Turma, Chica, Lapa Pintada de Datas e os sítios em que se fizeram coletas de superfície foram: Bandalheira, Boi, Ciranda, Moisés, Peixe Gordo, Chica, Caminho da Serra, Casa de Pedra Norte, Lapa Pintada de Datas.

<sup>4</sup>Uma análise pormenorizada dos sítios de pintura rupestre e as relações destes com a paisagem foi desenvolvida na dissertação de mestrado de Vanessa Linke (Linke, 2008). As análises aprofundadas que abordam os sistemas de sítios e uso da paisagem, bem como as relações existentes entre tipos de sítio e tipos de artefatos, foram realizadas por Andrei Isnardis em sua tese de doutorado (Isnardis, 2009).

<sup>5</sup>Para uma formulação recente do conceito veja Prous, 2004.

<sup>6</sup>Consideramos aqui os processos naturais e culturais envolvidos na formação do registro arqueológico (Schiffer, 1991).

<sup>7</sup>Datações de 1220 ± 40 BP (Beta 199503) e de 680 ± 50 BP (Beta 199504).

<sup>8</sup>A escavação dos sítios, assim como de todos os demais, se fez por meio de camadas estratigráficas naturais. Na Lapa da Chica, a espessura das camadas naturais é bastante expressiva. Diante dessa espessura, realizamos subdivisões arbitrárias das camadas, em níveis artificiais de cinco centímetros de espessura.

<sup>9</sup>Dois tipos de árvore foram utilizadas. Embora ambas sejam do cerrado apenas uma foi identificada, sendo ela a chamada Pau-Santo (Kielmeyera coriacea).

<sup>10</sup>Análises destes vegetais estão sendo feitas por Fábio Freitas, pesquisador da Embrapa.

<sup>11</sup>Situação semelhante pode ser encontrada nos silos do Peruçu. Segundo Prous et al. (1994), as cinzas e brasas podem ter sido utilizadas com o intuito de afastar roedores das estruturas. Tal informação foi obtida através da narração de um informante Xakriabá, José Elias.

<sup>12</sup>Na totalidade das indústrias centro brasileiras antigas os papéis entre face interna e face externa das lascas-suporte são distintos e constantes: a face interna é sempre usada como plano de percussão para os trabalhos de façongem e retoque, que se desenvolvem sobre a face externa. No conjunto da indústria recente diamantinense, quando se empregam lascas como suporte, face externa e face interna não têm papéis padronizados, os retoques são feitos em qualquer uma delas ou em ambas, sem sistemática evidente nesse aspecto.

<sup>13</sup>Originalmente, em nossas publicações anteriores, apresentamos cinco momentos de

pintura. Contudo, atividades de conferência e com o andar das pesquisas percebemos que as figurações do chamado quarto momento se inseriam no segundo momento cronoestilístico da Tradição Planalto. Apresentamos, pois, aqui, a versão revista da cronoestilística regional.

<sup>14</sup>Estas últimas características não serão aqui apresentadas. Ela podem ser vistas em: Linke, 2008; e Isnardis e Linke, 2010.

<sup>15</sup>Para uma descrição mais detalhada do modo de construção gráfica das figuras vide Linke & Isnardis, 2008.

<sup>16</sup>No estudo dos grafismos rupestres do Vale do Peruaçu, no Norte de Minas, o modo de construção gráficas das figuras, no caso das figuras geométricas, já vinha despertando o interesse dos pesquisadores desde a década de 1990 (Ribeiro e Isnardis, 1996/97 e Isnardis, 2004).

<sup>17</sup> Datação obtida na Lapa da Chica, correspondendo a  $2750 \pm 40$  (Beta 254270).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Binford, L. (1983). *Working at Archaeology*. New York, Academic Press.

Brézillon, M. (1983). *La dénomination des objets de pierre taillée*. Paris, Centre National de Recherche Scientifique.

Criado, F. (1999). Introduction: Combining the Different Dimensions of Cultural Space: Is a Total Archaeology of Landscape Possible? *TAPA - Trabajos de Arqueología Del Paisaje*. Santiago de Compostela: Laboratório de Arqueoloxía e Formas Culturais, Universidade de Santiago de Compostela, 2: 5-9.

Fogaça, E. (2001). *Mãos para o pensamento: a variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete, Minas Gerais, Brasil*. Tese de doutorado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Geertz, C. (1978). *A Interpretação das Culturas*. São Paulo: LTC.

Isnardis, A. (2009). *Entre as Pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafis-*

*mos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais*. Tese de doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo.

Isnardis, A, Linke, V & Prous, A. (2008). Variabilité stylistique dans la tradition rupestre “Planalto” du Brésil Central: un même ensemble thématique, plusieurs esthétiques. **In:** Heyd, Thomas & Clegg, John (eds). *Aesthetics and Rock Art*. Oxford, BAR.

Leroi-Gourhan, A. (1984). *Evolução e Técnicas*. I – *O homem e a matéria*. Lisboa, Edições 70.

Linke, V. (2008). *Paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina – Minas Gerais*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, UFMG.

Linke, V & Isnardis, A. (2008). Concepções estéticas dos conjuntos gráficos da Tradição Planalto, na região de Diamantina (Brasil Central). *Revista de Arqueologia*. Belém, SAB. 21: 27-43.

Pessis, Anne-Marie. (2003). *Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara*. FUMDHAM/Petrobrás. 307 p.

Prous, A. (1991). Os instrumentos lascados Santana do Riacho. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*, 12: 229-274.

Prous, A. (2004). *Apuntes para análise de industrias líticas*. Ortigueira, Fundación Federico Maciñeira.

Prous, André & Baeta, Alenice. (1992/3). Elementos de cronologia, descrição de atributos e tipologia. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*, Belo Horizonte, UFMG, 13: 241-332.

Prous, A, Brito, M. E. & Lima, M. A. A. (1994). As ocupações ceramistas no Vale do Rio Peruaçu (MG). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, USP. 4: 71-94.

Rodet, Maria Jacqueline.(2006). *Etude technologique des industries lithiques taillées du nord de Minas Gerais, Brésil depuis le passage Pleistocène/’Holocène jusqu’au contact – XVIII siècle*. Thèse de doctorat d’état. Paris, Université de Paris X – Nanterre.

Santos, Manuel. (1999). *A Arte Rupestre e a Construcción dos Territorios*

na Idade do Bronze em Galícia. *Gallaecia* 18. Santiago de Compostela: Departamento de Historia I, Facultade de Xeografía e Historia.

Schiffer, Michael. (1991). *The study of formation processes*. Albuquerque: University of New Mexico.

Schmitz, P. I. et al. (2004). Serranópolis III – Arqueologia nos cerrados do Brasil Central. *Pesquisas, Antropologia*, 60. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas.

Solari, Ana; Isnardis, Andrei & Linke, Vanessa (*no prelo*) Entre cascas e couros: os sepultamentos secundários da Lapa do Caboclo, Diamantina, Minas Gerais. *Habitus*.

Tixier, Jacques, Inizan, Marie-Louise & Roche, Hélène. 1989. *Préhistoire de la Pierre Taillée 1*. Paris, Editions du CNRS.

Troncoso, Andrés. (2001). Asentamientos, Petroglifos y Paisajes Prehispánicos en el Valle de Illapel (Chile) . *TAPA - Trabajos de Arqueología del Paisaje*, 19. Santiago de Compostela: Laboratorio de Arqueología.

Data de submissão: 19/09/2012

Data de aprovação: 05/12/2012